

EDUCAÇÃO PARA FÉ E CIDADANIA NO NORDESTE NO CONTEXTO DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Irmã Lindalva Alves Cruz/PCA¹

Como Irmã Catequista Franciscana (ICF), cresci encantada pelo carisma da congregação, mesmo quando eu não tinha consciência sobre cidadania, não conhecia o conceito de educação bancária nem de educação libertadora de Paulo Freire. O carisma – imbuído da pedagogia de Jesus por meio da evangelização nas comunidades eclesiais de base (CEB) – chegava pelo testemunho das irmãs e, no Nordeste, foi tornando-se realidade tanto na educação sistemática quanto na popular. Na primeira, com o engajamento das irmãs na coordenação escolar ou na regência de classe em diferentes áreas do ensino médio ou superior; na segunda, com a preparação de mulheres, homens, jovens, crianças, no sentido de fortalecer a democracia no país e, conseqüentemente, incluir diferentes grupos sociais na construção da cidadania.

Hoje, diante de uma das maiores crises da humanidade, em que todos os aspectos da vida estão ameaçados, urge chamar a atenção da Congregação para revisitar o sonho fundante, reorganizar o modo de estar no mundo e deixar o Espírito Santo revitalizar o carisma, para que este, de um jeito sempre renovado, reanime a luta na defesa dos valores inegociáveis: dignidade da pessoa humana, direito da convivência intercultural, solidariedade, respeito à diferença e cuidado com casa comum. No Brasil, vivemos envoltos no obscurantismo, a exemplo da negação da ciência, disseminação de fake News, estímulo a violência com expressões fascistas. Nesse contexto, vem à tona, por iniciativa do papa Francisco, a educação como uma saída para a humanidade, caracterizada no Pacto Educativo Global (PEG).

O escrito que segue, à luz do PEG, da pedagogia de Jesus e da educação libertadora de Paulo Freire, destina-se a mostrar, na forma de relato de experiência, a vivência do carisma no sertão da Paraíba.

1. Pacto Educativo Global (PEG)

Parece-me ver o papa Francisco absorto em prece, meditando sobre o provérbio africano “Para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira”. É na ideia do mutirão que o papa mergulha e surge com a proposta de ampla aliança pela educação

¹Doutora em sociologia pela UFPE, professora da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras (PB), Brasil, e coordenadora do Grupo de Estudo Pesquisa e Extensão em Gênero, Economia Solidária e Cidadania (GEPEGESC) – FSM.

que “incumbe de responsabilidade não apenas determinados atores sociais, mas pressupõe um envolvimento de toda sociedade” (CNBB, 2021, p. 9). A pretensão é juntar a todos – indivíduos, grupos étnicos e sociais, instituições diversas – a fim de formar pessoas “capazes de superar fragmentações e contrastes que descaracterizam as relações e reconstruir o tecido das relações que resulte em uma humanidade mais fraterna” (CNBB, 2021, p. 9).

[...] os esforços do Pacto devem envolver todos os profissionais, dos mais variados títulos, que lecionam ou fazem pesquisas, os agentes e gestores públicos, as pessoas que se ocupam com o futuro das novas gerações e os próprios jovens, enquanto sujeitos de seus processos formativos. A cooperação com todos os instrumentos possíveis, ou seja, com percursos educacionais formais, mas também informais é sublinhado como de grande necessidade. Não existe somente a escola ou a universidade, mas outros ambientes e iniciativas que podem ser compreendidos em chave educacional. A família ocupa um papel central, em mútua colaboração com todos os outros sujeitos sociais, instituições governamentais e privadas que são chamados a renovarem o compromisso em colaborar efetivamente na aldeia que educa. (CNBB, 2021, p. 9).

Assim, o PEG propõe a inversão da educação focada nos interesses do mercado para a educação integral. Nesta, toda a sociedade, ao mesmo tempo, forma e é formadora, produzindo saberes e aprendizados nos espaços formais e informais.

1.2 Pedagogia de Jesus

Antes de tudo, convém ter a noção do que significa **pedagogia**. Para tanto, recorri à obra de Libânio (2013), o qual apresenta um ponto de vista muito elucidativo ao tratar da pedagogia no contexto escolar. Segundo o citado autor, ela

é um campo de conhecimentos que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social. Uma vez que a prática educativa é o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade, cabe à pedagogia assegurá-lo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo. (LIBÂNIO, 2013, pp. 23-24).

Como se pode perceber, a educação, por meio de processos pedagógicos livres dos condicionantes do mercado, é um dos principais caminhos para a libertação das

pessoas em direção à humanização de si mesmas e das relações que formam o tecido social e, conseqüentemente, à construção de um mundo mais solidário e fraterno, com seres sensíveis e capazes de superar o que desconfigura, de forma contrastante, uma sociedade inclusiva.

Em relação a Jesus e à sua pedagogia, tomei emprestadas as informações resultantes da pesquisa de mestrado de Edna Liberato Vieira Guimarães em 2019. De acordo com essa autora, fundamentada nos evangelhos e em diferentes estudiosos, Jesus se destacava como mestre do seu tempo pela diferente forma de conviver com o povo; ele era *expert* em ouvir e expressar-se do jeito certo e no momento mais oportuno. Na Galileia e no seu entorno, ele acolhia os excluídos e denunciava as injustiças relacionadas a todos os aspectos da vida – econômico, social ou cultural e religioso – do seu tempo. Ele defendia a vida ameaçada das pessoas mais vulneráveis – crianças, idosos, doentes, mulheres e estrangeiros –, trazendo-lhes sempre palavras de esperança acompanhada de sinais de vida, conforme se pode observar em Jo10,10: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”.

Para quem olha Jesus da perspectiva histórica, fica difícil separar esse mestre nazareno de sua prática pedagógica, quando falava da Boa-nova do reino com o anúncio de liberdade aos cativos sob o jugo dos opressores; quando ajudava os oprimidos a perceberem a situação, a tomarem atitudes conscientes e a impulsioná-los à nova conduta de vida. No Evangelho de Lucas (4,18-19), ele afirma: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, a pregar liberdade aos cativos, e a restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor”.

Com seu jeito de ensinar e aprender com o povo, Jesus tocava a alma das pessoas e as atraía a si; não fazia complô com os maus políticos nem alianças com os dominadores do povo. Por consequência, não demorou muito que multidões seguissem os ensinamentos dele. O fato é que aquele modo de ensinar está nos fundamentos de qualquer prática libertadora, de reafirmação do desenvolvimento humano, a qual, ao mesmo tempo, exercita a formação crítica (GUIMARÃES, 2019). Na obra *Pedagogia libertadora de Jesus* (2014), seus autores argumentam que a educação ali é apresentada como esforço constante de cada pessoa em realizar a própria vocação de ser mais e se encontrar consigo mesma rumo à plenitude da vida. De acordo com a autora supracitada, “[...] o método de ensino utilizado por Jesus foi de excelência que

atravessou gerações e está presente até hoje através dos elementos do amor, da palavra e ação, poderá auxiliar as pessoas a terem uma consciência libertadora em busca do sentido mais profundo da vida.” (GUIMARÃES, 2019, p. 15).

2.3 Pedagogia libertadora de Paulo Freire

Paulo Freire, referência mundial no campo da educação libertadora dos últimos séculos, seguramente, bebeu na pedagogia libertadora de Jesus. No seu livro *Pedagogia da esperança* (2006, p.79), ele diz: “ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga”. Dessa perspectiva, o educador, de acordo com a pedagogia de Jesus, imbuído de sua condição política e pedagógica, deve comunicar a sua própria leitura do mundo desde que não o faça como sendo a única leitura possível.

Paulo Freire centrou seus esforços na formação humana, de modo que a pessoa se reconheça como sujeito da própria história, capaz de mudar o cenário onde vive. Ele, conhecido mundialmente pelo método de ensinar adultos, conduzia-os a tomar consciência de poder alcançar liberdade carregada de otimismo crítico e de esperança.

Os estudiosos apontam que o método freiriano, iniciado nos anos de 1960 (ALMANAQUE HISTÓRICO, 2005), se apresentou de forma diferente do que ele denominava de “educação bancária”. Em vez de conteúdos prontos impostos na cabeça dos alunos, começou-se a trabalhar temas geradores colhidos do universo vocabular dos estudantes bem como as experiências de vida no local, ou seja, de familiares, no trabalho, na vida religiosa, na política etc. Percebe-se que as palavras geradoras mais frequentes estão estritamente relacionadas à vida cotidiana, como, por exemplo, eleição, voto, povo, governo, tijolo, enxada, panela, cozinha. Tais palavras eram divididas em sílabas e daí se formavam novas palavras. O debate a respeito das situações sugeridas pelas palavras geradoras possibilitava ao indivíduo aprender a ler e se conscientizar ao mesmo tempo, o que consagrou a eficiência do processo de alfabetização.

Diante disso – parece evidente –, a práxis da pedagogia de Jesus está, de certo modo, muito presente no diálogo de Paulo Freire, que conduz o povo, ainda atualmente, à conscientização a qual provoca nas pessoas comportamento capaz de romper com a situação de marginalidade e de fazer crescer a consciência crítica diante dos seus opressores. Tanto para aquele quanto para este, o diálogo faz parte do processo de

humanização (da ação para a reflexão), desembocando na práxis libertadora (GUIMARÃES, 2019).

2.4 O carisma das irmãs catequistas franciscanas

De acordo com Maher (2015), desde o Concílio Vaticano II, o termo **carisma** passou a ser usado para identificar a singularidade das congregações religiosas, mas o próprio “Vaticano II [...] falou do ‘espírito dos fundadores’ como um princípio de renovação e refundação, juntamente com a fidelidade ao Evangelho e uma leitura atenta aos sinais dos tempos” (MAHER, 2015, p. 2). Trago essa referência a fim de demonstrar que carisma é algo dinâmico e com viés histórico incentivado pelo Espírito na busca de responder aos clamores de cada tempo, em consonância com o evangelho de Jesus, o mestre de Nazaré.

No livro *Um chamado se faz Caminho* (1986), irmã Ede Valandro traduz, com riqueza de detalhes, o carisma das irmãs catequistas franciscanas. Para ela, tal termo tem origem no livro sagrado e é um dom do Espírito Santo. Portanto, o carisma fundacional é uma graça recebida pelo fundador a qual não morre com este; estende-se de geração a geração por meio daqueles e ou daquelas que o seguirem. Assim, todas as irmãs, dentro do seu tempo, receberão também o dom fundacional. Segundo a autora, o “carisma tem um valor próprio e a capacidade de dar valor a outras características do instituto”. Para tanto, deve conter a totalidade evangélica, isto é, a totalidade dos valores do seguimento de Jesus. Em suma, o “carisma de uma congregação é sua maneira peculiar, tradicional de concretizar seu seguimento de Jesus Cristo”.

Quanto à educação, foco desta reflexão, o fundador cunhou uma frase sobre as primeiras irmãs: “dotadas de expressivo amor a juventude” Esse amor levou-as a se dedicarem à educação e à instrução. Observando atentamente os escritos trazidos por irmã Ede, já era possível identificar que, apesar de nascente, aquele grupo estava inserido no contexto de conflitos culturais, coloniais, de transição feudalismo-revolução industrial, quando a educação estava voltada ou para disputa dos interesses coloniais ou suprimimento da necessidade do mercado, o qual se organizava em função do suposto desenvolvimento nacional (VALANDRO, 1990). Mesmo assim, já era evidente a preocupação do fundador: a educação deveria contemplar o desenvolvimento em todas as dimensões: “[...] educar é mais que instruir. Instruir é enriquecer a inteligência.

Educar é formar o coração. A instrução é sempre parcial; a educação é global. Visa não só a inteligência, mas envolve toda a pessoa” (VALANDRO, 1986, p. 20).

Desde o início, já se encontrava nas ações educacionais das catequistas a mesma preocupação do mestre Jesus de Nazaré: trazer para o centro a pessoa humana e seu desenvolvimento integral, atitudes que, ao longo de mais de um século, foi sendo aprimorada e enriquecida pelas metodologias coerentes com o espírito fundacional. Entretanto, não se pode descartar, totalmente, a influência negativa dos condicionantes conjunturais de cada época que induziram a práticas pedagógicas voltadas às exigências do sistema. Diante disso, convém evidenciar a dinâmica sempre renovada pelo Espírito, a qual possibilita avaliar, reavaliar e nunca perder de vista o ponto de partida. Atualmente, em diferentes espaços educacionais – nos ensinos público e privado, nos ensinos fundamental, médio e superior ou na educação popular –, encontram-se as irmãs na fidelidade ao carisma.

3. Sob a Influência do Carisma: a interação dos saberes na luta por cidadania

Instalada no coração do sertão paraibano, a Faculdade Santa Maria (FSM) escolheu a cidade de Cajazeiras como lugar adequado para desenvolver um sistema educacional que preparasse, de forma humanizada, profissionais dos 11 cursos de diferentes áreas do conhecimento. Tais profissionais seriam estimulados a se transformarem em verdadeiros servidores, comprometendo-se não só com o poder econômico, mas também com o desenvolvimento humano, social e cultural, de modo a assegurar a todos a esperança da efetivação dos direitos humanos.

Foi nesse contexto educacional que, desde 2012, se tornou efetiva a presença de uma irmã catequista franciscana (ICF) na FSM, a princípio, para atuar nas áreas das ciências sociais aplicadas e das ciências humanas. Daí a poucos anos, estabeleceu-se experiência diferenciada no interior da faculdade: interação da educação sistemática com os saberes populares, construindo-se, assim, uma via de mão dupla. Por essa via, a faculdade leva às comunidades serviços e desenvolve pesquisas e extensão; as comunidades, por sua vez, levam à faculdade experiências e realidades vividas bem como o resultado das inovações no campo da economia solidária, da energia renovável, da construção de moradias ecoeficientes e outros projetos sustentáveis em andamento na região. Ademais, ela criou um **grupo de estudo para pesquisa e extensão em gênero, economia solidária e cidadania** (GEPEGESC), o qual se vem dedicando à pesquisa e à

produção do conhecimento relacionado aos segmentos excluídos dos interesses da ciência voltada ao desenvolvimento da produção e do consumo no sistema capitalista.

O fato de a produção do conhecimento partir de estabelecimento de ensino privado serve de justificativa para que as instituições de financiamento público da pesquisa e da extensão, como o CNPQ, a CAPES dentre outros, não dispensem recursos para tal fim. A verdade é que fica extremamente difícil o GEPEGESC perseguir seu objetivo: produzir novos saberes, isto é, aquele conhecimento à margem da ciência, porque não interessa ao capital. Apesar desse obstáculo, desde 2010, a irmã em questão tem participado de um grupo intercontinental de pesquisadores que se colocaram a serviço do referido conhecimento – atualmente ameaçado pelo avanço tecnológico –, pois, sobretudo no campo, na zona rural, a oralidade é a forma predominante de transmissão dos saberes. Ao que parece, o maior acesso, mesmo de forma precária, à comunicação digital vem comprometendo seriamente a transmissão do conhecimento aos grupos à margem da sociedade desprovidos do acesso à escola formal.

O exposto acima, embora de forma superficial, ajuda a compreender a insistência da irmã para levar a cabo o que vivencia do carisma da sua congregação, a qual lhe proporciona, na condição de intelectual, postura singular no campo da produção de novos saberes: ao mesmo tempo, ela tua como sujeito e objeto em cada pesquisa.

A ausência de recursos públicos fez, então, a FSM estimular a criação do Instituto Maria José Batista Lacerda (IMJOB), o qual se tornou o maior parceiro em todos os aspectos. O fato de o IMJOB ter nascido sob forte influência dos trabalhos desenvolvidos nas comunidades sob a coordenação da irmã em tela fê-la tornar-se membro efetivo e assessora para assuntos sociais, pesquisa, extensão e trabalhos comunitários. Assim, o instituto alcançou consideravelmente as comunidades e grupos sociais. Hoje já são 42 grupos integrantes da rede de parceiros, tais como associações, grupos étnicos (ciganos e quilombolas), assentamentos da reforma agrária, artesãs, participantes da economia solidária, mulheres, jovens periféricos, catadores de material reciclável, moradores de rua, produtores de hortigranjeiros, produtoras de bolos e pães, apicultores, dentre outros. As ações, por sua vez, chegam a seis municípios no sertão paraibano.

Enquanto isso, o trabalho vem ganhando adesão de diferentes órgãos e instituições, ainda mais no período atual de pandemia: Ministério Público Federal,

Ministério Público Estadual, OAB local (núcleo de DH), ONG, igrejas de diferentes denominações, organizações empresariais, universidades, institutos federais e voluntários. Quanto à produção do conhecimento, há livros publicados, exposição de trabalhos em eventos internacionais, nacionais e regionais. Em relação ao ensino, concretizou-se o envolvimento dos estudantes comprometidos com os direitos humanos, de modo a organizar eventos de alcance internacional a cada semestre.

Em suma, um trabalho mais aprofundado certamente traria, com mais precisão, o efeito transformador do carisma da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas (CICAF) na educação da fé e para cidadania. No estágio atual da humanidade, momento em que o mundo experimenta retrocesso nos processos democráticos, movimento contínuo em direção ao autoritarismo, ao fascismo, com expressões de crueldade e violência aos povos e à natureza, o caminho mais viável, segundo o papa Francisco, para mudança de rumo e para construção de sujeitos éticos comprometidos com organizações mais fraternas, é a educação. Nesse contexto, a CICAF, portadora de um dom de valor imensurável, tem a responsabilidade de se colocar como instrumento nas mãos de Deus, no sentido de mudar o rumo da história da humanidade, conforme sugere o papa Francisco no PEG. Assim, o que faz a diferença nas ações de transformação da referida instituição religiosa é a pedagogia cristã e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire. Ambas e as respectivas metodologias se fundem ao carisma, podendo seguramente, por meio da educação da fé e para a cidadania realizada como ato amoroso, enfrentar (e responder a estes) os desafios postos pelo sistema.

A educação realizada como ato de amor deve enfatizar a prática libertadora que vem infundindo o bem-querer, a confiança e a reciprocidade, de modo a se contrapor à pedagogia tradicional, mais preocupada com a formação técnica voltada para a manutenção do *status quo*, em função do lucro. A práxis da irmã em tela vem rompendo com o tecnicismo e voltando a atenção – semelhantemente às atitudes de Jesus, do fundador da CICAF e de Paulo Freire – ao oprimido, a fim de que este se torne sujeito da própria história de libertação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gregory Pablo Rial. Do pacto ao impacto: caminhos, possibilidades e horizontes abertos pelo Pacto Educativo Global. **Revista de Educação ANEC**, v. 49, n. 162, pp. 12-26, 2020.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação ‘Bancária’ e Educação Libertadora” de Paulo Freire, do livro “Introdução à Psicologia Esc Helena Patto. **São Paulo: TA Queiroz**, 1971.

_____. Pedagogia da esperança – Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a./ 16ª ed.2009.

GUIMARÃES, Edna Liberato Vieira. **Jesus na perspectiva pedagógica: os métodos em evidência**. VI Congresso ANPTECRE. I. Religião. II. Ciências da Religião. III. Teologia. IV. Caderno de Resumos. V. Título. 2019.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAHER, MaryS. **O carisma vivo e a nossa identidade congregacional**. 2015.
<file:///C:/Users/linda/Desktop/provin/PR-O_Carisma_Vivo.pdf acesso julho 2021 >

REIMER, Ivoni Richter. Dissertações PPGCR/MINTER 2018-2019. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 17, n. 3, pp. 295-296, 2019.

VALANDRO, E. M. **Um chamado se faz caminho: evolução histórica do carisma**. Joinville, SC: Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, 1986.

_____. **Em resposta ao clamor do povo: a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas**. Joinville, SC: Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, 1990.

VALE, Maria José (Org.). **Almanaque histórico**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.